

NOTAS SOBRE A INSTAURAÇÃO DO OBJETO LINGUÍSTICO
NOTES ON THE INSTAURATION OF THE OBJECT OF THE LINGUISTICS
STUDY

Welisson Marques

Pós-doutorando pela Universidade de São Paulo (USP)
Doutor e Mestre em Estudos Linguísticos (PPGEL/ UFU)

É necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem. De fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito.

Ferdinand de Saussure (1971, p. 17)

RESUMO: Propomos realizar um percurso sobre algumas noções basilares que perpassam o *Curso de Linguística Geral* publicado em 1916, fruto de estudos do linguista suíço Ferdinand de Saussure, considerado o Pai da Linguística moderna. Iniciaremos essa trajetória, de base epistemológico-reflexiva, realizando uma breve contextualização histórica desse campo do saber no século XIX. Em seguida, enfocaremos os elementos principais que caracterizam o objeto de estudo linguístico. Por fim, verificaremos alguns paradoxos que constituem o objeto linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: *Curso de Linguística Geral*; língua; Ferdinand de Saussure.

ABSTRACT: We propose to make a brief description of some elementary notions which pass by the *Course of General Linguistics* published in 1916, fruit of the studies of the Swiss linguist Ferdinand de Saussure, considered the “Father of modern Linguistics”. We will start this epistemological-reflexive trajectory by making a brief historical contextualization of this field of study in the XIXth Century. After that, we will focus on the main principles which characterize the object of the Linguistics study. Finally, we verify some paradoxes which constitute the linguistic object.

KEYWORDS: *Course of General Linguistics*; language (*langue*); Ferdinand de Saussure.

À guisa de um proêmio

A Linguística moderna atribui sua fundação a Ferdinand de Saussure, linguista suíço nascido em 1857 e falecido em 1913 (tanto seu nascimento quanto sua morte

ocorreram em Genebra, na Suíça). Apesar de ter sido um notório estudioso e escrito sobre diversas questões, especialmente no que concerne ao campo em que se dedicava, pois seu prolífico legado é composto por mais de 20.000 páginas, curiosamente e paradoxalmente o mestre genebrino nunca publicou uma obra sequer.

Nesse sentido, parte de suas reflexões, e que servem de fundamento para as ciências da linguagem, estão congregadas no *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG ou *Curso*), obra póstuma resultante de apontamentos compilados por alguns alunos que frequentaram seus cursos entre 1907 e 1911 e organizados por Bally e Sechehaye, dois de seus “discípulos” que tiveram acesso aos manuscritos, mas que, também interessantemente, nunca frequentaram suas aulas. Inclusive no prefácio à primeira edição do *Curso* eles indagam: “saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes?” ([1916] 1971, p. 4)¹.

Diante destes paradoxos, realizaremos, neste artigo, reflexões de cunho epistemológico sobre a instauração do objeto linguístico, mais especificamente a partir das reflexões de Ferdinand de Saussure propostas no *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG). Realizaremos, *a priori*, um breve esboço do contexto histórico pré-saussuriano enfocando o trabalho dos neogramáticos e dos comparatistas para, em seguida, discorrermos sobre noções fundamentais apresentadas na referida obra.

Destarte, as reflexões arroladas neste artigo se situam no cerne da Linguística, indispensáveis para qualquer estudo que toma a língua, ou mesmo a linguagem, como objeto de pesquisa. Sendo assim, iniciaremos com uma breve contextualização histórica do panorama linguístico antecedente à publicação do CLG.

O contexto pré-saussuriano: um breve panorama sobre alguns nomes proeminentes

Até o início do século XX, como se sabe e de acordo com o que se tem registro até então, os estudos no campo da linguagem eram predominantemente diacrônicos. No século XVIII, os estudos comparativos têm como principal precursor

¹ Todas as citações doravante que especificarem apenas a página, referir-se-ão ao **Curso de Linguística Geral** ([1916] 1971).

William Jones, cujo contato com o sânscrito, uma das línguas mais antigas da família indo-europeia, leva-o a perceber suas semelhanças com o grego e o latim. Suas ideias foram essenciais por vários motivos, entre os quais por desencadearam vários estudos na Europa. Além disso, Jones enfoca a questão da evolução das línguas no tempo, possibilitando, desde então, relacionar grupos de línguas específicas, atribuindo-lhes uma origem comum. Franz Bopp (1791-1867), a seu turno, aparece nesse contexto e desenvolve a gramática comparativa. Seu trabalho publicado em 1816 constitui do sistema de conjugação da língua sânscrita, sua semelhança fonética e morfológica com as línguas latina, germânica e persa. O sânscrito, na verdade, exerceu influência direta sobre diversas línguas, tais como o grego antigo ou o pali indiano.

Jacob Grimm (1785-1863) também desempenha um papel importante nesse contexto. Em sua obra sobre a gramática alemã, cuja publicação da primeira edição ocorre em 1819, trabalha a sucessão histórica de um grupo germânico de línguas e demonstra suas relações com outras no devir histórico. Enfoca, mais precisamente, princípios flexionais nas formas verbais e mudanças recorrentes no âmbito fonético de línguas que pertencem a um mesmo tronco linguístico, nesse caso, pertencentes ao indo-europeu. Seus postulados, enfim, foram cunhados como a “Lei de Grimm”.

Os comparatistas foram fortemente influenciados pelo naturalismo evolucionista de Charles Darwin. A este respeito, Schleicher, outro linguista comparatista do século XIX, chegou a desenvolver uma árvore genealógica das línguas indo-europeias com o intuito de demonstrar que as mesmas se originaram de uma única apenas. Todavia, quando os comparatistas se deparavam com irregularidades, afirmavam que estas eram apenas casuais, casos fortuitos. Além disso, atribuía-lhe (à língua) existência própria, desconsiderando o indivíduo falante. Estas são as principais críticas outorgadas aos comparatistas pelos neogramáticos.

Saussure aparece nesse contexto e, assim como os neogramáticos, é um forte crítico da gramática comparada. Para ele, os estudiosos da gramática comparada nunca se perguntavam para onde suas comparações os conduziam, ou mesmo em que essas comparações contribuía de fato para os estudos da linguagem. De acordo com Saussure, seus métodos acarretavam todo um conjunto de conceitos errôneos que não correspondiam à realidade e que eram estranhos às verdadeiras condições da linguagem (SAUSSURE, [1916] 1971, p. 11). Além disso,

os comparatistas, na ótica saussuriana, consideravam a língua como uma esfera “à parte” sendo que seus métodos eram excêntricos.

Saussure, todavia, não tece apenas críticas aos comparatistas e neogramáticos. Declara, em relação a estes últimos, que “não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um *produto* do espírito coletivo dos grupos linguísticos” (SAUSSURE, [1916] 1971, p. 11, grifo nosso). É, quiçá, o gérmen do que se desenvolveria posteriormente em sua propositura, isto é, na definição de língua como uma instituição social.

Ao constituir a língua como objeto da linguística, Saussure (1916), no *Curso de Linguística Geral*, deixou para a fala o individual, o subjetivo. Segundo ele também, o que diz respeito à vontade e à inteligência. Ao mesmo tempo dá às relações internas o caráter definidor para a língua. Ou seja, a língua é constituída de signos e estes se definem pelas relações que têm entre si, sem recurso a nada que seja exterior. Rompe-se, assim, com a posição historicista do século XIX. (GUIMARÃES, 1995, p.19)

Isto posto, percebemos que até o século XIX os estudiosos da língua/linguagem se engolfam no aspecto diacrônico, ou seja, na questão evolutiva da língua. No meio desse contexto comparatista havia uma necessidade que clamava por se definir: dar um escopo ao objeto da Linguística, pois afinal, se havia mudanças, quais eram e o que de fato ocorria na língua? Fazia-se necessário, portanto, definir as unidades que a compunham.

Nesse contexto, o primeiro trabalho de Ferdinand de Saussure foi dedicado ao estudo das várias formas do *a* indo-europeu. Em suas reflexões, buscava tocar nos dados elementares, e voltava-se para questões com as quais os estudiosos da linguagem de seu tempo não se preocupavam. Aliás, a preocupação destes era apenas em observar a “arbitrariedade e incerteza” da linguagem, como bem nota Benveniste (1995, p. 36). Todavia, as primeiras ideias de Saussure não eram tão claras. Pareciam, na verdade, bastante incompreensíveis e uma formulação rigorosa de seu objeto seria difícil de ser aceita *a priori* em virtude do contexto em que estava inserido. Nesse contexto, em uma carta enviada a Meillet em 1894, Saussure demonstra completa insatisfação com os dados que lhe eram apresentados. Perturbado com a realidade dos estudos da linguagem que o cercava, Saussure se volta tanto para o estudo sincrônico da língua, bem como para a “lógica” da mesma. Isso se evidencia no escrito de seus anagramas, antes da publicação do CLG, um trabalho, diríamos, obscuro e instigante... “há ainda a face mais oculta de Saussure:

os *Anagramas*. Talvez a aura de mistério que ronde os *Anagramas* seja devido à possibilidade de exceder o discernível da língua” (ENDRUWEIT, 2009, p. 106).

Saussure preocupava-se em formar uma teoria que desse um escopo ao estudo da Linguística ao passo que os linguistas de sua época se dedicavam aos estudos etimológicos, históricos e comparatistas. Talvez o trabalho que ele visualizava poderia ser desencorajador devido a este contexto, pois caminhava na contramão da tendência “dominante” de então. Como declara Benveniste ao tratar sobre o exercício de fundação da Linguística: “a primeira tarefa consistia em mostrar ao linguista ‘o que ele fazia’, a que operações preliminares se entregava inconscientemente quando abordava os dados linguísticos”, (BENVENISTE, 1995, p. 41-43). Ademais, é preciso destacar que a Linguística não era autônoma, ou seja, os estudos da linguagem precisavam se submeter às exigências de outros estudos, tais como aqueles provenientes da lógica (matemática), da filosofia, da retórica, da história, ou mesmo da crítica literária. Foi por meio de Saussure que “se operou uma mudança central e total dessa atitude, que se expressa no caráter científico dos novos estudos linguísticos, que passaram a centrar na observação de fatos da linguagem” (PETTER, 2003, p. 13).

A Linguística estava prestes a ter seu objeto de estudo fundamentado, ou seja, abordado sob um viés em que realmente o conceito de língua fosse o centro de estudos da Linguística a partir de uma proposta que seguia o paradigma de ciência de então.

A instauração do objeto linguístico

Como se percebe até aqui, tanto os neogramáticos quanto os comparatistas, contemporâneos de Saussure, foram fortemente influenciados pelo paradigma naturalista-darwinista de então e apesar de lidarem com a língua nunca se preocuparam em precisar seu objeto de pesquisa. De tal sorte, o enfoque destes recaía sobre sua evolução (das línguas), sobre as relações que umas tinham com as outras. Além disso, tanto os neogramáticos quanto os comparatistas não

questionavam, reiteramos, aonde esses estudos os conduziam (BENVENISTE, 1995).

Assim, se por um lado a Linguística aguardava o preenchimento dessa lacuna (da fundamentação de seu objeto), tarefa essa que Saussure realizou com esmero e que lhe outorga merecidamente todos os louros; por outro lado, muitos dedos a ele são apontados por causa da “exclusão” de diversos resíduos da linguagem, tais como a história e o sujeito, só para citar alguns².

Entretanto, o que percebemos é que as críticas em torno de seu nome se pautam, quase exclusivamente, nas ideias compiladas no CLG apenas. De tal sorte, uma leitura mais ampla de outros escritos, isto é, de seus manuscritos (profícuo objeto de trabalho de pesquisadores que lidam com os estudos saussurianos na atualidade) corrobora uma interpretação mais acurada evitando, assim, leituras distorcidas do pensamento saussuriano, sustentáculo da teoria Linguística moderna, bem como referência irrevogável e incontornável para muitas outras ciências. De tal sorte, a relevância do CLG se dá, entre outras razões, pelo fato de se fundamentar um conceito até então inédito, aquele que inquietava Saussure e que perpassa suas reflexões: o da língua.

Sem aprofundar nesses outros escritos, sobre os quais nos reportamos, em virtude de nosso cerne de análise, isto é o CLG, Saussure ([1916] 1971) instaura a possibilidade da língua como um sistema de signos independentes. A noção de *sistema* implica a priorização do todo em relação aos elementos individuais que o compõem. Seu foco de estudos é, pois, a língua, *langue* em francês, e o verdadeiro e real objeto da Linguística deve ser o estudo da língua em si mesma e por si mesma.

Neste ínterim, Saussure dicotomiza dois campos distintos: a *langue* e a *parole*. A *parole* ou “fala” não é o objeto de estudos de Saussure. Esta se refere aos fenômenos ou dados linguísticos reais, externos à *langue*. Sendo assim, toda vez em que se utiliza tal termo na perspectiva saussuriana, elementos como história, ideologia, cultura, sujeito, contexto, etc. são “suspensos”, i.e. deixados de lado propositalmente. É uma exclusão consciente e necessária. Como afirma Guimarães (1995, p. 20):

² Os estudos neo-saussurianos lançam luz e contestam muito bem a problemática da “a-historicidade” da língua atribuída a Saussure (via CLG apenas). Isso se dá em virtude de alguns de seus manuscritos encontrados em um anexo de sua residência em Genebra no ano de 1996. Os mesmos têm animado tais discussões.

O corte saussureano é a “culminância” bem sucedida teoricamente de uma histórica de exclusão do mundo, do sujeito, por tratar a linguagem como um percurso só interno: a linguagem expressa o pensamento. (...) Por outro lado, Saussure afirma o caráter social, coletivo da língua, como o que está em todos, não incluindo no objeto, portanto, seu caráter histórico, tanto no sentido do historicismo, do século XIX, quanto em outro qualquer. Saussure suprime as relações de transformação como objeto da linguística, mas suprime também qualquer relação da língua com algo que lhe seja exterior. O exterior (o mundo, o sujeito, as relações entre os sujeitos) fica como aquilo que se nega o caráter de objeto da linguística. O que há de significação no seu Curso é o que há de codificado como significado.

Sendo assim, para o mestre genebrino a língua é “o conjunto de hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender” (SAUSSURE, [1916] 1972, p. 92). Isso evidencia seu aspecto social. Isso também aponta, em sua ótica, para dada “supremacia” da língua em relação às demais linguagens semiológicas. Nesse sentido, a língua é essencial, prioritária, um sistema puro formado por unidades mínimas significativas. A unidade linguística é uma coisa dupla constituída pela união de um significante, uma imagem acústica, e um significado, um conceito; ambos psíquicos. Essa unidade, que na verdade é dicotômica, é denominada signo linguístico.

Sobre o signo – dicotomias e paradoxos

O signo apresenta algumas características: a primeira refere-se ao fato de que o elo entre o significado e o significante é *arbitrário*. Saussure evidencia esta arbitrariedade ao ilustrar a mobilização de diferentes significantes utilizados em línguas díspares, mas que apontam para o mesmo significado. Por exemplo, *boi* em português corresponde a *boeuf* em francês e a *ox* em inglês. De tal modo, a relação de dada sequência de letras (b-o-i) com um conceito é imotivada, ou seja, não depende de um indivíduo para ser formada. Ao contrário, só se efetua no social, por fatores inerentes ao próprio sistema. Um indivíduo, portanto, não pode, por livre escolha, determinar a relação de uma imagem acústica a um conceito, pois tal combinação resultaria de uma convenção coletiva, *arbitrária* enfim.

Ainda sobre a arbitrariedade, Fiorin (2003) elucida a questão atinente ao absolutamente arbitrário e ao relativamente arbitrário:

O próprio Saussure vai atenuar o princípio da arbitrariedade do signo, fazendo uma distinção entre o que é absolutamente arbitrário e o que é relativamente arbitrário. Um signo como *mar* é absolutamente arbitrário, porque não há nenhuma motivação no liame que une o significante e o significado. Já um signo como *dezenove* é “dez + nove” e o significante é composto dos signos *dez* e *nove*. Como o significado de *dezenove* é “dez + nove” e o significante é composto dos signos *dez* e *nove*, ele é relativamente motivado. Os signos *dez* e *nove* são absolutamente arbitrários. (FIORIN, 2003, p. 61)

Outra característica do significante é que ele tem o caráter linear: “o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (SAUSSURE, [1916] 1972, p. 84). A linearidade concerne à impossibilidade de duas unidades mínimas ocuparem o mesmo lugar na sequência fônica. Como uma linha, cada elemento mínimo (fonema) ocupa um lugar de cada vez na linearidade da fala.

Não se pode confundir signo com palavra. Por exemplo, a palavra “limpar” é um signo, pois é formada por um significante, uma imagem acústica /'limpar/ e um conceito “remover a sujeira”. Todavia, este signo é composto por três morfemas que também são signos. O morfema *limp-* que é o radical relativo à limpeza; o morfema *-a* que indica ser o verbo pertencente à primeira conjugação; e o morfema *-r* indicativo de infinitivo. Assim, o signo tem seu valor atribuído em relação aos demais elementos do sistema. Seu aspecto relacional é uma das bases da teoria do valor, ou seja, um signo é o que todos os outros não são (todos os outros termos pertencentes ao sistema). A título de ilustração, o signo *gato* não é *gata* ou *gota*, nem tampouco, *cachorro*, *cavalo* ou *rato*.

Ademais, a instauração do objeto linguístico apresenta curiosos e interessantes paradoxos. O primeiro se refere ao fato de a unidade linguística apresentar tanto um caráter *imutável* quanto *mutável*. O signo é imutável uma vez que como pertencente a uma língua convencionalmente coletivamente não pode ser transformado por um indivíduo, ou seja, ele é, de certo modo, imposto pela comunidade falante, é “produto herdado” das sociedades passadas, escapando à vontade individual qualquer escolha e/ou mudança. Entretanto, como as línguas evoluem (princípio de continuidade) e sofrem transformação, os signos são diretamente “afetados” e são, conseqüentemente, passíveis de mutabilidade. Dito de outra forma, há possibilidade, ainda na esteira de Saussure, de deslocamento da relação do significado com o significante, mesmo em uma língua artificial em que

existe o desejo de estabilidade (até esse tipo de língua não escaparia das fatais alterações decorrentes da continuidade evolutiva dos signos). Sendo assim, a alteração linguística depende tanto da aceitação social quanto do peso do tempo.

A dicotomia diacronia-sincronia é outra característica de fundamental importância nos estudos estruturalistas. O estudo *sincrônico* visualiza a língua em um momento dado, como um sistema estável, ao passo que o *diacrônico* diz respeito à evolução histórica dos fatos linguísticos através dos tempos. É impossível reunir as duas questões em uma mesma disciplina, pois na perspectiva diacrônica há preocupação com fenômenos que não têm nada a ver com o sistema, ou seja, com a sincronia. Nesse sentido, exporemos uma sua longa, mas relevante citação:

Em francês, o acento recai sempre sobre a última sílaba a não ser que esta tenha um *e* mudo. Trata-se de um fato sincrônico, de uma relação entre o conjunto das palavras francesas e o acento. Donde deriva? De um estado anterior. O latim apresentava um sistema de acentuação diferente e mais complicado: o acento recaía na penúltima sílaba quando esta era longa; se fosse breve, o acento recaía na antepenúltima (cf. *amicus*, *ánima*). Esta lei evoca relação que não têm a menor analogia com a lei francesa. Sem dúvida, é o mesmo acento, no sentido de ter permanecido nos mesmos lugares; na palavra francesa recai sempre na sílaba que o levava em latim: *amicum* -> *ami*, *ánimam* -> *ame*. No entanto, as duas fórmulas são diferentes nos dois momentos, pois a forma das palavras mudou. Sabemos que tudo que vinha após o acento ou desapareceu ou se reduziu a *e* mudo. Depois desta alteração da palavra, a posição do acento não foi mais a mesma em relação ao conjunto; desde então, as pessoas conscientes dessa nova relação colocaram instintivamente o acento sobre a última sílaba, mesmo em palavras de empréstimo, transmitidas pela escrita (*facile*, *consul*, *ticket*, *burgrave*, etc.). É evidente que não se quis mudar de sistema, aplicar uma nova fórmula, pois numa palavra como *amicum* -> *ami*, o acento permaneceu sempre na mesma sílaba; interpôs-se, no entanto, um fato diacrônico: o lugar do acento se viu trocado sem que se tocasse nele. Uma lei de acento, como tudo quanto respeita ao sistema linguístico, é uma disposição de termos, um resultado fortuito e involuntário da evolução. (SAUSSURE, [1916] 1972, p. 101-102)

Tais considerações são relevantes, pois a sincronia, por exemplo, explica fatos que se fossem analisados sob um prisma exclusivamente diacrônico não poderiam ser explicados apropriadamente. Ademais, a consideração acerca dos arcaísmos são fenômenos diacrônicos que não se podem eliminar da sincronia. Destarte, as distinções operadas por Saussure, constituem um marco para a Linguística, inclusive pelo fato destes conceitos terem sido adotados alhures (lê-se: por outras teorias).

Outro fato interessante no que tange às dicotomias do CLG recai sobre as relações intrínsecas entre *langue* e *parole*, relações essas que desembocam em duas grandes áreas dos estudos linguísticos, quer sejam a Linguística da língua e a

Linguística da fala. Como se sabe, o cerne do *Cours* é a propositura e fundamentação do objeto linguístico. Para isso, Saussure embrenha-se em precisar aquilo que *não* a constitui justamente por essa relação intrínseca que a língua tem com a fala. Na verdade, uma não existiria sem a outra. A fala sem a língua seria ininteligível e como poderíamos conceber uma língua social sem a fala (sem pessoas que a utilizam)?

Para o campo da *parole* fica reservado tudo o que é “exterior” à *langue*, ao seu caráter psíquico, pois Saussure separa o que é *psíquico* daquilo que é *fisiológico* e *físico*. O fenômeno fisiológico da língua é aquele que contempla o momento do impulso cerebral (do envio do signo) até o aparelho de fonação ou, no sentido inverso, do momento em que um signo é recebido no ouvido de alguém e conduzido até seu cérebro. O fenômeno *físico* contempla a produção de ondas sonoras pelo aparelho vocal. Obviamente que a produção material da língua pode se dar de inúmeras formas. Nesse sentido, Saussure toca na questão da escrita, mas como esta escapa do âmbito da *langue* e não é seu objeto de interesse (nem o nosso), algumas de suas contribuições são, ao nosso entender, no sentido de demonstrar a primazia da fala, bem como na sua independência sobre esse sistema semiológico.

A questão da imaterialidade do signo e a teoria do valor

Ainda discorrendo sobre os paradoxos que envolvem a conceituação da língua, há um bastante peculiar: seu aspecto imaterial. A língua não é material; é psíquica, está depositada na mente de cada indivíduo, como um dicionário mais ou menos idêntico e comum a todos os membros de uma comunidade. Como a língua é imaterial, ela é pura. Isto se revela no fato de não existirem atributos “externos” que a constituem. Saussure, em seu gesto fundador, não esboça nenhuma possibilidade da língua ser “moldada”, “transformada” ou “sofrer variação” por fatores externos (indivíduo, tempo, contexto, grupo social, sociedade, etc.). Para ele, toda alteração que a língua sofre decorre unicamente de mudanças no interior do próprio sistema. A questão da arbitrariedade do signo reforça essa tese, pois a relação de uma imagem acústica com um conceito é imotivada, não pode ser escolhida pelo indivíduo e importa menos do que aquilo que existe fora dele (do signo). Outrossim, é na relação sistêmica que o signo recebe seu valor, nunca preestabelecido, nunca

com um valor positivo, mas sempre *em relação* com aquilo que o rodeia quanto com aquilo que se lhe apresenta externamente (outros signos pertencentes ao sistema).

Sobre o caráter imaterial do signo, poder-se-ia confundir “imagem acústica” com som. A imagem acústica é a impressão psíquica do som e não o som em si. Talvez, em algumas partes do CLG isso não fica muito claro, como é o caso da explicação sobre a linearidade do significante em que se afirma ser o mesmo “de natureza auditiva” e que “desenvolve-se no tempo unicamente”. Se ele se desenvolve em uma linha, no tempo, imagina-se que seja na fala, ou seja, já em um nível material. Além disso, diversas vezes, utiliza-se a expressão fonemas para se referir às unidades mínimas que compõem o signo. Ora, sendo o signo de natureza psíquica e o fonema de natureza sonora (*id est*, material), a utilização de termos, tais como “fonema” ou “linearidade sonora” apresentam-se paradoxais, pois língua e som, reiteramos, não estão no mesmo nível (uma é psíquica, o outro é substancial).

Obviamente que as explicações sobre o caráter psíquico da *langue* são, por parte da comunidade científica, irrefutáveis no CLG (Saussure ratifica e deixa isso claro nos *Escritos*). Talvez, fosse preciso, pela ausência de um termo técnico mais apropriado, buscar um novo termo que se compare ao “fonema psíquico” de Saussure, pois, reiteramos o fonema é material ao passo que o signo é completamente psíquico.

Como se verifica até o momento, o postulado saussuriano a respeito do objeto linguístico trabalha nos limites da língua propriamente dita. Esta é composta por signos – entidades concretas e psíquicas que só existem pela associação de algo duplo, a saber, pela união de uma ideia com uma imagem acústica. Há, nessa relação, um processo de significância e se tomarmos-lo separadamente das outras unidades dentre as quais se coloca (o signo), seu valor é puramente negativo. Nesse sentido, um signo tomado isoladamente possui dada significação, mas em consentâneo com Saussure, esta (a significação) não tem nada de inicial, *id est*, o valor do signo só pode ser considerado nas relações que se estabelece tanto com o todo (o sistema do qual faz parte), quanto das outras unidades que o antecedem e/ou o sucedem na cadeia fônica: “a língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitados de antemão, dos quais bastasse estudar as significações e disposição” (SAUSSURE, p. 120). De tal modo, é preciso elucidar que significação não se confunde com valor. Uma unidade da língua não pode ter o seu valor dado

previamente em hipótese alguma, ao contrário, deve ser analisada em meio às outras na sequência sintagmática.

Quando se fala em unidades mínimas, elas devem ser significativas para adentrarem no campo Linguístico. Se tomarmos uma sequência de substâncias sonoras (como as sílabas) que não possuem significado algum, tal estudo poderia até ser objeto da fonologia, mas não da Linguística. Um problema já detectado: por se tratar do “som”, já no âmbito da materialidade, escapa-se do sistema psíquico da *langue*.

As unidades mínimas significativas também não se confundem com a palavra, pois uma palavra pode possuir mais de um signo. À guisa de exemplificação, se tomarmos a palavra *impossível*, a mesma é possuidora, no mínimo, de dois signos, isto é, há a união do prefixo (significante) *im-*, cuja ideia indica “negação”, bem como do radical *possív(el)* que denota “possibilidade”. De tal sorte, se se toma o signo *possível* separadamente do conjunto que integra, ele terá dada significação, mas não terá valor completo em virtude da presença do prefixo *im-* antecedendo-o.

Nunca é demais repetir que os *valores* dos quais se compõe primordialmente um sistema de língua (um sistema morfológico), um sistema de sinais, não consistem nem nas formas nem nos sentidos, nem nos signos nem nas significações. Eles consistem na solução particular de uma certa relação geral entre os signos e as significações, estabelecida sobre a diferença geral dos signos *mais* a diferença geral das significações *mais* a atribuição anterior de certas significações a certos signos reciprocamente (SAUSSURE, 2004, p. 30-31).

Ademais, as relações que estabelecem o valor não se dão apenas nesse âmbito, mas em toda a linearidade da fala. Somente na sequência fônica que se pode vislumbrar o valor dos termos quando cada um é colocado em oposição aos demais. Sendo assim, é impossível, conforme assinalamos, que o valor seja dado aprioristicamente.

O mestre genebrino declara que no plano conceitual o valor de um termo deve ser tomado levando em consideração dois fatores. O primeiro é que a unidade possa ser trocada por algo dessemelhante e o segundo que possa ser comparada a algo semelhante. Essa é a base da teoria, isto é, cada termo tem seu valor estabelecido na *relação* (aspecto relacional) e ao mesmo tempo *oposição* (aspecto diferencial) com os demais termos do sistema. Nesse sentido, compara-se o valor de uma palavra com o de uma moeda de cinco francos. Assim como a moeda tem o seu valor, pois poderia ser trocada por algo diferente, por exemplo, por um pão, uma

palavra pode ser trocada por uma ideia ou conceito. Igualmente, assim como a moeda de cinco francos pode ser comparada com algo da mesma natureza, *verbi gratia*, com uma moeda de um franco, uma palavra pode ser comparada com outra: *recear* por *temer*, *ter medo*, etc.

Saussure também define *valor* ao discorrer sobre os dois eixos da língua. No eixo paradigmático os termos têm seus valores estabelecidos nas relações associativas com outros *in absentia*. Em relação às unidades mínimas (aos fonemas), se se toma o signo /pato/, verifica-se que o som, por uma associação negativa, não é o mesmo que /p/ ou /m/. Eles não se confundem. Dessa forma, /pato/ difere de /gato/ e /mato/ no plano da matéria fônica. No plano conceitual, /gato/ é diferente de /cachorro/, /sapo/ ou /peife/. As relações associativas ocorrem *in abstentia*, ou seja, em um processo mnemônico que, por exclusão aos demais termos do sistema, possibilita atribuir dado valor ao termo em questão.

Já no eixo sintagmático, conforme pontuamos acima, os termos têm os seus valores nas relações com aquilo que os rodeia, com outros termos *in praesentia*. Vamos retomar o exemplo da palavra *impossível*: imaginemos que a mesma se apresente na sequência “*não é impossível viver assim*”. Ora, se na sequência linear emerge um *não* anteposta a ela, o valor dessa unidade será completamente diferente. Portanto, o valor linguístico se dá tanto no nível conceitual quanto material.

É válido ressaltar que mesmo Saussure tratando da linearidade em um âmbito material, a língua não deixa de ser definida como pura, psíquica, imaterial e não-substancial. É relevante reiterarmos isso para que não haja confusão acerca da imaterialidade da língua.

Por fim, tratar do valor é compreender que na língua tudo é relacional. Nada é tomado aprioristicamente. A língua não é pura nomenclatura. Se assim o fosse, bastaria que se trocassem os termos de uma língua pelos de outra. Mas, como se sabe, não é isso o que ocorre. Outrossim, os termos do sistema não são positivos. Uma sequência fônica ou uma ideia nada tem de inicial num signo. O que vale mais é o que o rodeia, o que o cerca, como também o que está fora dele para que se possa, portanto, extrair o seu valor.

Últimas considerações

Como vislumbramos nesse artigo, Saussure recusou se limitar ao estudo linguístico tal como se lhe apresentava. Muito mais do que isso, buscou demonstrar que a língua não é um organismo vivo ou uma criação da imaginação humana simplesmente. Seria preciso, portanto, se voltar para o principal, isto é, delinear, segundo suas palavras, “o objeto essencial” da linguagem. E é disso que se ocupa seu pensamento ou, ao menos, parte dele.

Nesse sentido, é trágico o fato de sua morte ocorrer em um momento (1913) em que Saussure certamente ainda não vislumbrava completar a obra que havia iniciado, pois esta poderia não lhe parecer “amadurecida o suficiente para ser publicada em algum lugar” (BENVENISTE, 1995, p. 48). Curiosamente, a publicação do CLG em 1916 não foi organizada por Saussure, mas sim por dois discípulos. Ademais, a base da linguística é marcada por paradoxos em suas dualidades: da língua e da fala; do material e do não-substancial; do paradigmático e do sintagmático; do sincrônico e do diacrônico. Tratamos, nesta breve reflexão, da relação material e não-substancial e, também, do paradoxo do indivíduo e do social, ou seja, da problemática questão em buscar alçar uma língua imaterial que precisa necessariamente ser tomada da *fala* de um indivíduo!

Verdadeiros paradoxos do curso que existem em virtude de um objeto complexo, moldado ao gosto da perspectiva científica dominante. O que vale ressaltar, enfim, é que o linguista genebrino deixa seu legado. Isto é, sem dúvidas, irrefutável.

REFERÊNCIAS

ARANOFF, Mark. MILLER, Janie Rees-Miller. **The Handbook of Linguistics**. Blackwell Publishing, 2002. 598 p. [Blackwell Reference Online]

BENVENISTE, Émile. Saussure após meio-século. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1995. p. 34-49.

BENVENISTE, Émile. Transformações da Linguística. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 11-40.

CHOMSKY, Noam. Novos horizontes no estudo da Linguagem. **DELTA**. São Paulo, v. 13. n. especial. p. 49-71, 1997.

ENDRUWEIT, Magali Lopes. A teoria do valor e a escrita. In: **Revista Letras e Letras**. Ed. 25 (1). Uberlândia, 2009. p. 105-144.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos Pré-Saussurianos. In: **Introdução à Linguística – fundamentos epistemológicos**, volume 3. MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina (Orgs.) São Paulo: Cortez, 2ª edição, 2005. p. 27-52.

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: _____. **Introdução à Linguística**. I. Objetos teóricos. São Paulo: Editora Contexto, 2003. p. 55-74.

GOMES SENNA, L. A. Modelos mentais na linguística pré-chomskyana. **DELTA**. 10(2): 339-372, São Paulo, 1994.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido*: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes, 1995, p. 19-20.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**. I. Objetos teóricos. São Paulo: Editora Contexto, 2003. p. 11-24.

ROBINS, R. H. **Pequena História da Linguística**. Trad. Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 2004. 204 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. [1916]. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

Artigo recebido em 04/05/2016

Artigo aceito em 27/01/2017